

SOCIOLOGIA E DANÇA – EXPERIÊNCIA DIDÁTICA EM UMA ESCOLA TÉCNICA DA FAETEC

Marcelo Costa da Silva* e Kelly Pedroza Santos**

RESUMO: O artigo apresenta uma reflexão sobre a experiência do ensino de Sociologia no curso técnico integrado de Dança em uma escola técnica da FAETEC. Ao considerarmos os conteúdos programáticos e o perfil crítico da disciplina, percebemos que a Sociologia, ao buscar desnaturalizar o olhar do estudante para a realidade social, contribui, conseqüentemente, para a desnaturalização dos corpos e dos movimentos. Neste sentido, ressaltamos o desenvolvimento, por parte da turma do 3º ano, de um espetáculo de dança baseado na temática do Trabalho, tendo como uma das referências o conteúdo trabalhado nas aulas de Sociologia durante o 1º semestre de 2015.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Sociologia; Dança.

ABSTRACT: This paper discusses the experience of Sociology teaching on the Dance course at a vocational secondary school that integrates a network of public vocational schools (FAETEC). Considering the subject's content and orientation towards a critical comprehension of society, one notices that Sociology contributes not only to de-naturalize the student's perception of social reality, but also his body and movements. The case presented is the development of a dance spectacle by a Senior class based on the theme of labor, which uses as one of its references the 2015's first trimester Sociology classes.

KEYWORDS: Sociology; Education; Dance.

Nossa proposta neste artigo é apresentar uma reflexão acerca da experiência de ensino de Sociologia no curso técnico integrado de Dança da Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch (ETEAB), pertencente à Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC) – Estado do Rio de Janeiro.¹

A ETEAB foi fundada em 1998 e apresenta um perfil bastante peculiar na rede de escolas técnicas, pois oferece cursos na área de Ciências Humanas e Comunicação, como Produção de Áudio e Vídeo, Marketing, Publicidade, Eventos, Hospedagem, Guia de Turismo, Administração e Dança. O curso técnico de Dança, criado em 2011, é o primeiro curso de Dança público integrado ao Ensino Médio da América Latina. Sua origem está vinculada à existência da Companhia de Atores-Bailarinos Adolpho Bloch, misto de companhia de dança e trupe teatral, projeto iniciado em 1999 na escola pela professora de Educação Física e bailarina Rosane Campello. De acordo

* Mestre em Sociologia (PPGSA/IFCS/UFRJ) e professor do Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II.

** Doutora em Sociologia (IESP-UERJ) e professora do Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II.

¹ A experiência dos autores refere-se aos anos letivos de 2013 e 2015.

com Campello, o grupo foi uma motivação dela e dos alunos para trazer “um pouco do onírico para a realidade mais árdua do ensino técnico”.²

A Companhia montou diversos espetáculos ao longo dos anos e encaminhou estudantes para a profissionalização em Dança em nível superior. Atuou, ainda, como germe para a construção de uma proposta para o curso técnico. Atualmente, a Companhia continua em atividade, com um núcleo profissional, formado pelos ex-alunos que deram continuidade à formação na área da Dança, e um núcleo amador, que comporta estudantes de diferentes cursos técnicos da ETEAB.

O curso técnico de Dança foi implementado, desde seu início, numa matriz integrada, tendência que, posteriormente, foi seguida por todos os demais cursos da rede FAETEC. A matriz integrada na rede FAETEC apresenta certas especificidades e, conforme aponta Lima (2014) acerca do curso de Dança, pode ser observada em diferentes dimensões. Em primeiro lugar, buscou responder, de maneira geral, a uma demanda de redefinição dos cursos. Antes, os currículos do Ensino Médio e do Ensino Técnico dos diferentes cursos corriam em paralelo (currículos denominados concomitantes), o que significava, na prática, que um aluno poderia sair da escola com o diploma de Ensino Médio sem terminar o curso técnico. Havia, de acordo com a instituição,³ um percentual considerável de estudantes que, ao concluir o Ensino Médio, abandonava o ensino técnico. Diante desta constatação, a matriz integrada impediria o abandono do curso técnico por parte dos estudantes.

O curso de Dança, formulado sob esta perspectiva, refletia a intenção de integração em sua estrutura, na medida em que as disciplinas do ensino médio e da área técnica apresentavam-se mescladas na grade de horário das séries. Além disso, em sua proposta, cada ano letivo deveria se desenvolver a partir de grandes eixos temáticos, denominados “binômios”. Dessa forma, o primeiro ano organizava-se pelo binômio Mundo-Corpo; o segundo ano guiava-se pelo binômio Brasil-Movimento e o terceiro ano pelo binômio Rio de Janeiro-Cena.⁴

² Cf. depoimento disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Rp7avMAFLdw>, publicado em 28/10/2012.

³ Sobre este argumento, ver Pansera *apud* Lima, 2014, p. 52-53.

⁴ Sobre a organização das séries e os binômios, ver Luciana Carnout em <https://www.youtube.com/watch?v=iRsA9yps5xA>, em depoimento publicado em 11/12/2013, e Amanda Lima (2014).

De acordo com a coordenadora do curso, esta estrutura permitiria aos estudantes a construção do conhecimento em um sentido geral para o específico. Considerando que o primeiro contato com a dança se dá através do corpo, esta seria a dimensão mais geral de abordagem do curso. Num segundo momento, o olhar se voltaria para o movimento. O estudo do movimento deveria se inserir numa perspectiva de contato com diferentes técnicas, conforme veremos adiante. Por fim, os estudantes pensariam a cena, o que implicava, objetivamente, a criação de um espetáculo. As disciplinas do ensino médio, nesta estrutura, deveriam considerar cada binômio, construindo os respectivos currículos em diálogo com os eixos Mundo-Brasil-Rio de Janeiro ou, quando possível, conjugando os conteúdos específicos com temas e abordagens próprias da área de Dança.

Por fim, as avaliações trimestrais do curso eram compostas de dois instrumentos principais: uma parte da nota estava vinculada a atividades propostas a critério de cada docente, como pesquisas, testes etc. A outra parte da nota seria composta por uma prova única integrada, na qual cada disciplina apresentava um número de questões de múltipla escolha (cerca de duas ou três), que deveriam se relacionar de algum modo com o binômio correspondente de cada ano letivo.

As possibilidades de conexão entre os conteúdos específicos da área técnica e as disciplinas do Ensino Médio eram uma temática recorrente nas discussões entre o corpo docente do curso de Dança. O principal espaço para estas discussões era a reunião semanal, que se propunha a agregar todos os professores. Nestas reuniões, informes eram transmitidos, discussões mais gerais acerca da escola tinham espaço e, principalmente, os professores expunham suas experiências de sala de aula e buscavam construir atividades interdisciplinares.

As dificuldades encontradas para a efetivação da integração eram de múltiplas ordens. Destaca-se, neste caso, o fato de que o processo de implementação da matriz curricular impactou de maneira desproporcional o corpo docente das áreas técnicas e o do Ensino Médio, na medida em que os professores do Ensino Médio podem atuar em diferentes cursos e séries num ano letivo, atendendo grande número de turmas. Dessa forma, enquanto os professores das diversas áreas técnicas dedicam-se exclusivamente ao curso em que atuam, dividindo sua carga horária entre a sala de aula e a orientação dos projetos finais e estágios, os professores do Ensino Médio

precisavam muitas vezes adequar seu programa a diferentes matrizes curriculares e séries, já que cada curso formulou uma matriz curricular específica. A proposta de integração, conforme implementada pela ETEAB, era objeto de questionamento do corpo docente do Ensino Médio, na medida em que gerava uma sobrecarga de trabalho para estes profissionais. Na prática, a presença de um docente em três cursos diferentes, por exemplo, inviabilizava a efetiva participação na construção da matriz integrada. Quando muito, os docentes escolhiam um curso para se dedicarem (participando das reuniões semanais, momentos propícios ao planejamento integrado de atividades) e não implementavam a integração nos demais cursos em que atuavam. Amanda Santos de Lima (2014), em sua dissertação de mestrado sobre o curso de Dança da ETEAB, esclarece as mudanças exigidas pela implementação das matrizes integradas:

Com a mudança para o ensino integrado, algo que não fazia sentido passa a ser fundamental. O professor de qualquer disciplina, quando lecionava em cursos concomitantes com o Ensino Médio, ministrava, em geral, aulas muito parecidas, com mesmo direcionamento e conteúdos. É necessário, neste momento, o entendimento de que lecionar física para o primeiro ano do Ensino Médio em cursos de mecânica, dança e publicidade não equivale a dar as mesmas aulas, muito pelo contrário. Se há o comprometimento com a integração, as aulas terão conteúdos, direcionamentos e abordagens diferentes (LIMA, 2014, p. 76).

A alteração dos cursos técnicos da rede FAETEC, de concomitantes ao Ensino Médio para uma matriz integrada não foi acompanhada de uma redefinição da estrutura organizacional das escolas técnicas e, conseqüentemente, do trabalho docente. Neste sentido, a lógica de composição da carga horária do docente não foi alterada e apenas medidas paliativas e não oficiais buscavam viabilizar um ambiente de trabalho facilitador à nova fase, de implementação do integrado. Entre elas, destacam-se a orientação para que os diretores de cada escola buscassem concentrar o horário dos docentes em um único curso técnico, sempre que possível, e a disposição do diretor da ETEAB de distribuir as turmas entre o corpo docente do Ensino Médio de forma a não preencher completamente a carga horária prevista para sala de aula, o que

permitiria maior tempo de dedicação às reuniões semanais dos cursos e ao planejamento de aulas e demais atividades.⁵

O caso da Sociologia na ETEAB é bastante significativo das limitações objetivas à implementação da matriz integrada. Disciplina de dois tempos semanais, os professores de Sociologia chegavam a lecionar em até quatro cursos diferentes, cada um com propostas específicas de matriz integrada, organizando cada série do Ensino Médio a partir de eixos temáticos próprios. A exigência de adaptação do currículo de Sociologia às particularidades de cada curso técnico também ocasionava uma série de debates e tensões; questionava-se até que ponto o currículo de Sociologia poderia ser modificado para responder a uma demanda considerada externa, no caso, vinda da equipe de docentes de um dado curso técnico. Estas tensões evidenciavam, para além da Sociologia, que o corpo docente da escola como um todo, tanto do Ensino Médio, como das áreas técnicas, apresentava distintas concepções acerca do que deveria ser a integração e preocupavam-se com a possibilidade de enfraquecimento das disciplinas do Ensino Médio perante as áreas técnicas.

Apesar do curso de Dança desde o início ser organizado no modelo de matriz curricular integrada, isso não significou que a integração tenha acontecido de forma mais fácil, na medida em que as questões estruturais atingiam de maneira indistinta todos os cursos e escolas da rede FAETEC. Neste sentido, ser um curso novo e pioneiro não o livrou de vivenciar as dificuldades de implementação da matriz integrada.

Corpos dançantes na escola

O curso técnico de Dança da ETEAB destaca-se não somente por seu ineditismo e por sua proposta integrada. Em primeiro lugar, sua existência é um contraponto à oferta de cursos de formação em Dança na cidade. Em segundo lugar, sua natureza

⁵ Estas posturas ficam claras nas declarações de Maura Luiza Gomes e Rosane Faria, supervisoras pedagógicas da Diretoria de Desenvolvimento da Educação Básica e Técnica da FAETEC (DDE), e de José Adriano Alves, diretor da ETEAB, colhidas por Lima (2014, p. 75-78).

artística alterou o cotidiano de professores e estudantes da ETEAB de diferentes formas.

O ensino de dança, usualmente, ocorre em escolas que não oferecem a formação de Ensino Médio. Muitos destes espaços de formação dedicam-se ao ensino de uma técnica específica, transformando o bailarino num especialista em um único estilo. O aprendizado da dança, de forma geral, exige uma dedicação continuada, muitas vezes iniciada ainda na infância, e por ser oferecido majoritariamente em instituições privadas, representa um alto custo para as famílias. No caso das instituições públicas, por exemplo, destaca-se no Rio de Janeiro apenas a Escola Estadual de Dança Maria Olenewa, voltada para o ensino do balé clássico e que exige do bailarino um conjunto de habilidades e um corpo específicos, selecionando, dessa forma, os discentes.

O curso técnico de Dança da ETEAB apresenta-se sob outras bases. É um curso público e integrado ao Ensino Médio que não exige prova de habilidade específica aos candidatos. Segundo Luciana Carnout, professora do curso, a proposta é receber qualquer estudante, independentemente de sua formação anterior. Neste sentido, o curso quer oferecer uma base, ou seja, dar ferramentas para que o estudante saia da escola e seja capaz de continuar estudando dança.⁶ O projeto de trabalho aponta, portanto, para uma educação continuada dos estudantes. Para cumprir tal objetivo, o curso destina-se não somente ao aprendizado de técnicas, mas também se esforça para apresentar e inserir os estudantes no campo da dança, formando-os, ao mesmo tempo, como bailarinos-criadores, produtores e público.⁷

Ao oferecer um ensino público e não exigir dos estudantes formação prévia em dança, o curso da ETEAB possui um corpo discente bastante diversificado, seguindo a tendência dos demais cursos da rede FAETEC.⁸ O curso oferece aos estudantes o contato com diferentes estilos/técnicas de dança. Conforme descrição de Lima (2014), os estudantes ensaiam três horas por dia, e tomam contato ao longo de sua formação com técnicas como balé clássico, jazz, dança contemporânea, danças populares entre

⁶ Cf. depoimento em <https://www.youtube.com/watch?v=iRsA9yps5xA>, publicado em 11/12/2013. Ver, ainda, Lima (2014).

⁷ Sobre os campos artísticos, ver Pierre Bourdieu (1999; 2001).

⁸ Cabe ressaltar que a coordenação do curso precisa, em diversos momentos, convencer as famílias acerca da seriedade do trabalho desenvolvido e das possibilidades de inserção profissional na área da Dança, na medida em que muitos estudantes sofrem pressões familiares para se transferirem para cursos técnicos considerados mais “sérios” e de reconhecida empregabilidade.

outros. Rosane Campello defende este formato de curso, ao afirmar que a técnica, seja ela qual for, deve estar a serviço dos corpos, e não o contrário.⁹ Esta escolha permite, portanto, a convivência entre estudantes com diferentes formações prévias – ou até mesmo com nenhuma formação anterior. De acordo com a estudante Yngrid Manarino, em depoimento sobre o curso, “todos os corpos aprendem a dançar aqui”.¹⁰ Neste sentido, o corpo de qualquer estudante, entendido como portador privilegiado de marcas sociais, mecanismos de classe e de gênero, ao ingressar no curso de Dança torna-se, também, um corpo artístico, criador ou “dançante”.

A formação destes “corpos dançantes” se faz notar no ambiente escolar como um todo. O fato destes estudantes terem uma educação corporal e uma compreensão dos movimentos na perspectiva da dança, faz com que seus corpos se destaquem no conjunto de alunos da ETEAB. As roupas utilizadas nas aulas práticas, por exemplo, já bastam para que estes corpos ganhem visibilidade no ambiente escolar; alguns estudantes relatavam maior controle e vigilância em relação à circulação nos ambientes comuns da escola, principalmente quando estavam vestidos com *colants* ou peças de roupa análogas, que evidenciavam seus corpos. No entanto, para além das roupas, era possível notar que os estudantes do curso de Dança iam, gradativamente, construindo uma *hexis* corporal peculiar, na qual o andar, os gestos e os movimentos indicavam a presença dos “corpos dançantes” na escola. Era comum, por exemplo, que os alunos se levantassem durante as aulas para alongar o corpo, alegando a necessidade de movimentá-lo. Podemos pensar, neste sentido, que o ambiente escolar na ETEAB, ao formar “corpos dançantes”, potencializou a presença de corpos que não se bastavam mais na sala de aula e que, de certa forma, se colocavam fora da “norma”. Além disso, os estudantes do curso de Dança construíam ao longo do curso “corpos criadores”; em diversas situações, eram instigados a levar para a dimensão do corpo os conteúdos abordados pelas disciplinas do Ensino Médio, num movimento de apropriação e interpretação rico e bastante singular. Esta experiência aconteceu com os conteúdos de Sociologia.

⁹ Cf. depoimento em Lima, 2014, p. 79.

¹⁰ Cf. depoimento em <https://www.youtube.com/watch?v=iRsA9yps5xA>, publicado em 11/12/2013.

Desnaturalização do corpo e do movimento: a sociologia do trabalho como fonte de criação artística

Durante o 1º semestre do ano letivo de 2015, com a turma do 3º ano do curso técnico integrado de Dança, desenvolvemos na disciplina de Sociologia um conteúdo programático que, em suas duas primeiras etapas – correspondendo aos dois primeiros trimestres do ano letivo –, apresentava os temas “O mundo do trabalho” e “A questão do trabalho no Brasil”, respectivamente. Na primeira etapa debatemos os seguintes itens: Globalização, economia solidária e sociedade de consumo. O trabalho das diferentes sociedades. Acumulação flexível – fordismo *versus* toyotismo. Redução radical das distâncias de tempo e espaço. Aceleração do ritmo de vida e das mudanças sociais. A sociedade pós-industrial da informação. As novas habilidades do trabalhador. E na segunda etapa foram contemplados os seguintes temas: Convivência entre trabalho formal e trabalho informal. Desemprego, mercado de trabalho. A persistência do trabalho escravo, do trabalho análogo à escravidão, do trabalho infantil e o racismo institucional.

Os objetivos dessas duas etapas da disciplina de Sociologia no 3º ano eram: perceber a complexidade do mundo do trabalho e suas transformações; distinguir as formas como os diversos grupos e classes sociais se apropriam do trabalho, material e simbolicamente; identificar as formas de divisão e dominação de classe no modo de produção capitalista, atentando para as mudanças históricas no padrão de estratificação econômica; refletir sobre as consequências das transformações no padrão de acumulação capitalista e seus reflexos nas relações de trabalho; identificar o papel das técnicas e tecnologias na organização do trabalho e da vida social; comparar diferentes processos de produção e circulação de riquezas e suas implicações sócio espaciais; selecionar argumentos favoráveis ou contrários às modificações impostas pelas novas tecnologias a vida social e ao mundo do trabalho.

A dinâmica das aulas se estabeleceu em torno de aulas expositivas e debates sobre os temas sugeridos, ocasionando uma intensa participação dos estudantes e gerando um posicionamento crítico frente às situações sociais apresentadas. Todas as atividades desenvolvidas nos dois primeiros trimestres possibilitaram que se estabelecesse uma integração entre o conteúdo programático da disciplina de Sociologia e os conteúdos específicos da área técnica, na forma de um projeto da

turma do 3º ano, na disciplina técnica de Prática de Montagem,¹¹ baseado no binômio Brasil-Movimento. Esse projeto foi a montagem de um espetáculo de dança intitulado “Trabalho Brasileiro”. O projeto contou também com a participação dos alunos da turma do 2º ano do curso técnico integrado de Dança, totalizando uma equipe técnica de 33 pessoas.

O espetáculo teve como objetivo propor ao público “reflexões acerca da relação do indivíduo com o seu trabalho, conseqüentemente com a sociedade e consigo mesmo”.¹² Para os idealizadores do projeto, a pretensão “não é mostrar como se organizar e lutar, dar um manual de instruções: vejam, é isso o que vocês têm que fazer! Não, o que queremos é acender uma pequena faísca de inquietação dentro de cada um, é trazer de volta à tona nas pessoas questões que às vezes vamos deixando de lado em meio ao caos cotidiano de tarefas e obrigações que nos são impostas”.¹³

Algumas questões abordadas no espetáculo foram: a alienação que o trabalho pode gerar a partir dos modelos taylorista-fordista, como o trabalho é visto pela sociedade, o desemprego, a má distribuição de renda, o preconceito, a mulher no mercado de trabalho, o assédio, a hierarquia entre trabalho intelectual e manual.¹⁴

Ainda segundo os criadores do espetáculo, “‘Trabalho Brasileiro’ mostra o quão sacrificante é a rotina de um trabalhador no Brasil: trazendo diferentes tipos de trabalho que existem, abordando a disputa no mercado de trabalho, a minoria de mulheres em trabalhos considerados masculinos e o assédio a elas, todo trabalho que não é criativo e se torna alienado e também trabalhos informais que são desvalorizados”.¹⁵

¹¹ De acordo com Amanda Lima, a disciplina Prática de Montagem “possui uma carga horária maior, é ministrada por quatro professores que trabalham com temas e enfoques variados, todos ligados à produção cultural e à montagem de um espetáculo. Nesta disciplina, os alunos aprendem sobre verbas, leis de incentivo à cultura, figurino, iluminação, recursos humanos, formação de plateia, produção coreográfica, dentre outros. Trata-se de uma disciplina complexa que abrange assuntos que vão muito além da criação de uma coreografia. Conclui-se, portanto, que o curso não forma produtores culturais, mas forma bailarinos que terão uma ótima base nesta área. Ou seja, o bailarino formado em tal curso não será um mero executor de coreografias ou um simples coreógrafo que irá elaborar uma dança para um espetáculo sem, no mínimo, entendê-lo em um contexto mais amplo” (Lima, 2014, p. 68).

¹² “Apresentação”. In: Turma do 3º ano do curso técnico integrado de Dança (ETEAB-FAETEC). *Trabalho Brasileiro*. Mimeografado. p. 1.

¹³ “Objetivo”. In: Op.cit. p. 3.

¹⁴ “Apresentação”. Op.cit. p. 1.

¹⁵ Turma do 3º ano do curso técnico integrado de Dança (ETEAB-FAETEC). Folder *Trabalho Brasileiro*.

O espetáculo foi apresentado pela primeira vez na ETEAB no dia 26 de agosto de 2015. Ao considerarmos os conteúdos programáticos e o perfil crítico da disciplina, percebemos que a Sociologia, ao buscar desnaturalizar o olhar do estudante para a realidade social, contribui, conseqüentemente, para a desnaturalização dos corpos e dos movimentos. A interpretação, a problematização e a inquietação despertadas pelo conteúdo programático de dois trimestres da disciplina de Sociologia fizeram com que os estudantes criassem uma manifestação artística, uma forma cultural de produção de sentidos através de um espetáculo de dança, que forneceu elementos e representações das expressões culturais de nossa sociedade.

Dessa forma, ao levarem a Sociologia para o corpo, os estudantes do curso de Dança realizaram uma integração entre os conteúdos da Sociologia e das disciplinas da área técnica. Uma experiência inovadora no âmbito da escola básica não só para aqueles que estão distantes do campo da Dança, como os professores de Sociologia da ETEAB, como também para os próprios estudantes, na medida em que o aprendizado da dança, ou das possibilidades de decodificação do mundo pela dança, está em andamento e, na maioria dos casos, em seu início. Ainda que numa fase inicial, a criação artística no curso de Dança apresenta uma potência vigorosa, capaz de moldar corpos, olhares e sensibilidades, principalmente se considerarmos a relevância de todo o processo de construção da coreografia – mais até do que a culminância do espetáculo.

Sobre a apresentação de “Trabalho Brasileiro”, os estudantes do curso de Dança da ETEAB, ao fazerem da Sociologia do Trabalho uma fonte de criação artística, provocaram uma desnaturalização da realidade social, do corpo e do movimento, permitindo inclusive um olhar novo para a própria Sociologia e seu lugar na escola básica.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

LIMA, Amanda Santos de. “A formação profissional em Dança: o ineditismo da proposta de educação integrada em uma escola pública estadual do Rio de Janeiro”.

Revista *Perspectiva Sociológica*, Número Especial, 2º sem. 2012/1º sem. 2016.

Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2014.

NEVES, Juliana. “Entre o ar e o chão: *metier* de bailarino na cidade de São Paulo”. Tese de Doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2010.

SILVA, Silvana dos Santos; MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso de; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. “*Habitus* e prática da dança: uma análise sociológica”. *Motriz*, Rio Claro, v. 18, n. 3, p. 465-475, jul./set. 2012.

Turma do 3º ano do curso técnico integrado de Dança (ETEAB-FAETEC). *Trabalho Brasileiro*. Mimeografado. 2015, p. 1.

Turma do 3º ano do curso técnico integrado de Dança (ETEAB-FAETEC). Folder *Trabalho Brasileiro*, 2015.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

Vídeos

“Apresentação – Companhia de Atores Bailarinos Adolpho Bloch”. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Rp7avMAFLdw>. Consulta virtual em 28/10/2012.

“Curso técnico em dança – ETEAB”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iRsA9yps5xA>. Consulta virtual em 11/12/2013.